

O PRIMEIRO LIVRO DAS NOITES ÁTICAS, DE AULO GÉLIO

Ana Luíza Silva de Freitas (UFJF)

analufrei@yahoo.com.br

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

luelicarpinetti@oi.com.br

1. *Introdução*

Serão apresentados aspectos literários do primeiro livro das Noites Áticas, de Aulo Gélio como amostragem da construção desta notável obra de divulgação dos saberes da Antiguidade Clássica bem como da Literatura Arcaica. Observa-se nos relatos apresentados pelo autor uma preocupação em construir uma obra de erudição, pautada na escolha de uma linguagem rebuscada e repleta de termos arcaicos, contendo relatos sobre situações vividas por personagens célebres, no trato com questões retóricas e gramaticais, em suas discussões acerca de questões de costumes ou jurídicas e em tudo podemos encontrar, nesta obra, um caráter eminentemente enciclopédico em todas as suas situações e relatos e dela podemos haurir uma notável erudição e apreciar o diletantismo que emana de tudo o que é apresentado ao leitor.

2. *Aspectos analisados no texto:*

Nesta parte do trabalho, detalharemos os aspectos que possam informar em sua multiplicidade o texto das Noites Áticas de Aulo Gélio, dando ênfase ao Primeiro livro desta imensa obra.

2.1. *Situações de Retórica:*

Aulo Gélio traz em sua coletânea “Noites Áticas” diversos comentários acerca da vida antiga, dentre eles as situações envolvendo aspectos de retórica.

No capítulo III, o assunto é a história do lacedemônio Quilão que comete um ato contraditório para favorecer seu amigo em uma questão de justiça. São discutidos neste capítulo tópicos que envolvem as leis da amizade e a obrigação de todos para com a justiça. Também é dito que por vezes para favorecer a um amigo muitas vezes o individuo se distancia dos ditames da justiça e das leis. Discute também até que ponto al-

guém pode driblar a lei em favor de um amigo e se isso é possível sem ferir os princípios da justiça. Se ocorre a situação em que o favorecimento de um amigo pode-se dar de modo legítimo, então, nada há que impeça esse favorecimento.

O propósito de discorrer sobre essa situação é devido ao fato de que a retórica se divide em três gêneros segundo Aristóteles, dentre os quais está o gênero judiciário, que repousa sobre o justo e o injusto de cada causa que é apresentada à apreciação do juiz e que cada tipo de prova como, por exemplo, as testemunhas, são representadas por pessoas comuns e que tal situação pode se dar de que haja amizade entre autor ou réu e os depoentes que lhe prestem o auxílio em suas causas.

Cum agetur inquit aut caput amici aut fama, declinandum est de via, ut etiam iniquam voluntatem illius adiutemus. (GÉLIO, 2002, t. 1, p. 22)

Quando se trata, disse ele da vida de um amigo ou de sua honra, é preciso desviar-se da estrada para ajudá-lo no que ele quer, mesmo se for injusto.

No capítulo X, encontramos a história do filósofo Favorino que repreende a um jovem que faz uso de vocábulos inusuais e arcaicos, marcando, assim, uma comunicação excêntrica e pouco funcional. A retórica, que tem por meta a persuasão dos ouvintes pela palavra preceitua que se faça uso de palavras e discursos claros e convincentes, mas que se evite a ostentação ou a obscuridade, contrárias à boa comunicação.

“Vive ergo moribus praeteritis, loquere verbis praesentibus atque id, / quod a C. Caesare, excellentis ingenii ac prudentiae viro”, in primo de analogia libro scriptum est, habe semper in memoria atque in pectore, ut “tamquam scopulum, sic fugias inauditum atque insolens verbum”. (GÉLIO, 2002, t. 1, p. 41)

“Vive, pois segundo os costumes do passado, fala com as palavras do presente, e guarda sempre em tua memória e em teu coração, o que César, homem de um gênio e de uma sabedoria notáveis”, escreveu no seu Livro I – *De analogia* – “foge como um escolho da palavra estranha e rara”.

O capítulo XV é muito importante, pois remete à relação necessária entre filosofia e retórica. Na antiga Grécia, os Sofistas eram filósofos que se valiam da palavra para alcançar convencimento dos homens do povo, mas o faziam sem a necessária competência reflexiva, coisa que se confunde com o falatório desordenado e vazio, sem consistência e sem consequência. Ao bom orador se requer o domínio de preceitos retóricos e reflexão ajuizada da vida humana e da sociedade de modo geral. A este orador é vedado falar em abundância sem coerência e em desacordo com os princípios da reta razão. Os Sofistas falam demasiado e representam

uma origem torpe da retórica. Os charlatães, em todas as épocas, representam essa vertente quando apelam ao baixo senso comum do homem que transita pelos caminhos da vida e pelos atalhos de suas jornadas em busca de qualquer solução para as suas urgentes necessidades.

Item in libro de oratore primo verba haec posuit: "Quid enim est tam furiosum quam verborum vel optimorum atque ornatissimorum sonitus inanis nulla subiecta sententia nec scientia?" (GÉLIO, 2002, t. 1, p. 54)

Também no primeiro livro *Sobre o orador* (Cícero) escreveu o que segue: "Que há tão insensato como o repicar frívolo de palavras, inclusive as mais selletas e formosas, sem que haja atrás delas pensamento ou ciência nenhuma".

2.2. Situações envolvendo pessoas célebres

A obra de Aulo Gélio, em seu perfil enciclopédico não poderia deixar de falar das pessoas célebres, contemporâneos seus, ou de certa proximidade de seu tempo. Ele nos traz informações que a literatura posterior nos ocultou e revela traços pitorescos dessas personalidades de que, muitas vezes, apenas sabemos o terem existido.

Pitágoras é descrito como um mestre de uma escola de formação para jovens discípulos os quais aprendiam inúmeras disciplinas, tais como: matemática, física, geometria e filosofia. A cada aprendizado correspondia um tipo de comportamento que os discípulos mantinham e seguiam, em sua rotina diária, e também correspondia um tipo de exercício específico na busca do domínio de saber próprio a cada área citada.

No capítulo XI, o enfoque passa a ser a obra histórica de Tucídides e seus numerosos aspectos relevantes de sua época em que a guerra dos espartanos contra a hegemonia de Atenas, então emergente, marca essa época e ficou imortalizada pelo texto de Tucídides em sua *Guerra do Peloponeso*. O autor ressalta as artes bélicas dos espartanos e com isso alude a força guerreira tradicional desta cidade. A obra citada pelas Noites Áticas traz um trecho antológico onde descreve com detalhes os sintomas dos indivíduos acometidos pela peste que assolou Atenas durante os combates.

No capítulo VIII, o autor nos traz ao conhecimento a história de Laís e a fama proverbial que passou a ser conhecida em toda a Grécia: de um lado a rara beleza e de outro os favores amorosos concedidos a quem se dispusesse a pagar o alto valor dos mesmos. Sotião narra a reação de Demóstenes quando soube o valor dado por Laís de dez mil dracmas.

Tali petulantia mulieris atque pecuniae magnitudine ictus expavidusque Demosthenes avertitur et discedens "ego" inquit "paenitere tanti non emo". (GÉLIO, 2002, t. 1, p. 88)

A insolência da mulher e a enormidade da quantia aterrorizam Demóstenes e o colocam em fuga; ele renuncia a ela e indo-se embora: "Eu não compro, disse ele o arrependimento a um tal preço".

3. Análises gramaticais

As Noites Áticas discute, entre outras coisas, questões gramaticais em sua busca de uma linguagem erudita, bem como, o próprio interesse em cultivar o conhecimento da língua latina e como é utilizada pelos autores e como se aplica as diversas situações da vida romana.

No capítulo IV, o autor descreve Antônio Juliano como alguém bastante perspicaz e atento ao uso das palavras e das sutilezas que juntas podem suscitar. O caso em questão, observado por Antônio Juliano, é um entimema no qual Cícero utiliza para a dívida de dinheiro o verbo *debet* e para a dívida de reconhecimento o verbo *habet*. Cícero se expressa do seguinte modo:

Cicero autem," inquit "cum gratiae pecuniaeque debitionem dissimilem esse dixisset eiusque sententiae rationem redderet, verbum "debet" in pecunia ponit, in gratia "habet" subicit pro "debet"; ita enim dicit: "gratiam autem et qui refert habet, et qui habet, in eo ipso, quod habet, refert." (GÉLIO, 2002, t. 1, p. 28)

Ora Cícero depois de ter dito que a dívida de reconhecimento e a dívida de dinheiro são diferentes e de ter-se dado conta desta afirmação, se serve da palavra *debet*, ele deve, no caso de dinheiro, mas para o reconhecimento ele substituiu *habet*, ele reserva *debet*:ele fala assim: "O reconhecimento aquele que o rende, ou guarda *habet*;e aquele que o guarda, pelo próprio fato que o guarda, o rende".

No capítulo VII, o autor traz à tona um trecho do quinto discurso contra Verres no qual o particípio *futuram* se confunde com *futurum*. O esforço de reflexão sobre essa questão vai ao encontro da defesa da pureza da língua de Cícero que se sobrepõe as imprecisões do texto de Plauto e de outros autores dos quais cita o emprego de particípios futuros, mas que defende que Cícero não tenha utilizado o particípio com a intenção de concordar com qualquer gênero que seja. Ainda nesse capítulo, o autor chama a atenção para a sonoridade de termos latinos e mostra sua preferência para *explicauit* em vez de *explicuit*, apesar da popularidade desta última forma. O mesmo se dá com *potestatem* que ele prefere a *potestate* por razões de sonoridade.

4. Aspectos da literatura arcaica

O autor reage a que as obras e autores antigos caíam no esquecimento quando justamente deveriam ser apreciados como depositários dos valores da tradição e da história romana.

Ao falar dos autores já esquecidos pela sua época tece comentários acerca do vocábulo *mille* que por eles é usado como numeral singular. Por exemplo, em *Quadrigário*, o autor lembra o emprego da forma *occiditur* em vez de *occiduntur* junto ao numeral *mille*. Outros fizeram o mesmo, tais como: Lucílio, Varrão, Marco Catão e Marco Cícero. É importante ressaltar que *Quadrigário* é autor analista bem como Ênio e Nêvio, quando os manuais de literatura latina não citam *Quadrigário*, como também não citam Pacúvio, comediógrafo de época recuada lembrado, por exemplo, no discurso *Em defesa de Sexto Róscio Amerino*, quando Cícero fala do filho de Sexto Róscio que vivia em Améria.

No capítulo XIX, o autor relata como os livros Sibílinos vieram a ser fonte de consulta no momento de tomar decisões importantes para o Estado. Conta que no reinado de Tarquínio uma senhora etrusca veio lhe trazer e oferecer nove livros portadores de oráculos divinos e que, diante da recusa de Tarquínio em comprá-los, a senhora queimou três livros em um braseiro e depois queimou mais três livros, restando a Tarquínio a única alternativa de comprar os três livros restantes. Depois os livros passaram a ser a fonte de consulta de oráculos e ser objeto de reverência entre os romanos.

5. Aspectos da diatribe

A definição que André Oltramare (1926) dá de diatribe é que esta constitui uma corrente moralizante popular e que é constituída por uma estrutura de diálogo com um interlocutor fictício e que o supera ou o condena e assim torna patente o ensinamento moral.

O capítulo XVII é um exemplar dessa vertente na obra de Aulo Gélío da qual estamos apresentando uma amostra. São discutidos os deveres que têm entre si e um para com o outro o esposo e a esposa. É importante lembrar o papel que tem a reflexão moral na civilização romana e no legado para a posteridade e que desta forma a obra de Aulo Gélío não se omite quanto a esse aspecto.

6. *Notas de conclusão*

Procuramos mostrar, ainda que de forma incipiente e também de forma resumida, aspectos dos quais a obra de Aulo Gélío nos enriquece e instrui. Sua leitura ainda nos ocupará, pois há muito interesse em aprender sobre a antiguidade com uma obra tão multifacetada como esta e então aprofundar as noções acerca do legado da civilização romana, quando esta obra se nos apresenta como verdadeira enciclopédia dos estudos clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULO GÉLIO. *Les Nuits Attiques*. Livres I-IV. Texte établi et traduit par René Marache. Paris: Les Belles-Lettres, 2002.

_____. *Noches áticas*. Edición de Santiago López Moreda. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literária*. Fundamentos de uma ciência de la literatura. 3 vol. Madrid: Gredos, 1991.

OLTRAMARE, A. *Les origines de la diatribe romaine*. Lausanne-Genebra: Payot, 1926.

SEABRA FILHO, José Rodrigues. *Noites áticas: estudo e tradução*. Tese. São Paulo, FFLCH-USP, 2008.